

POESIA EM SALA DE AULA: LETRANDO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Maria Suely da Costa

(*Universidade Estadual da Paraíba; mscosta3@hotmail.com*)

Resumo: Tratamos neste texto sobre a alternativa de o professor de literatura, no ensino básico, promover letramento literário através de textos da literatura afro-brasileira como instrumento para um exercício de leitura com ênfase na formação do leitor. São objetos dessa reflexão textos literários poéticos com temática étnico-raciais postos em discussão em experiências de leitura no contexto da sala de aula, tendo como pano de fundo a orientação da Lei Federal n. 10.639/2003. Por meio do contraponto entre as leituras realizadas dos textos literários e a experiência cotidiana, é possível desconstruir estereótipos e pré-conceitos estabelecidos a respeito da etnia negra na sociedade brasileira, predominantemente marginalizada. E assim, a partir da leitura e da discussão desses textos literários, possibilitar a reflexão acerca de que somos diferentes, porém isso não nos impede de convivermos juntos e partilharmos da diversidade de valores, crenças, manifestações culturais. Nesse sentido, o letramento se efetivaria pelo entendimento do texto literário como objeto de significação dentro de uma perspectiva histórico-crítica e valorização da diversidade.

Palavras-chave: Literatura, Diversidade, Letramento, Antirracismo.

Introdução

As diversidades culturais que permeiam a sociedade brasileira na contemporaneidade acabam por pontuar a necessidade de novas reflexões sobre o como agir na formação sistemática desenvolvida pela escola a fim de formar seres humanos mais críticos e mais tolerantes. Assim, a temática sobre o ensino da literatura voltada para práticas antirracistas em sala de aula, à luz da Lei 10.639 - que torna o ensino de História da África e dos Africanos obrigatório, lei que mais tarde foi substituída pela 11645/08, que além da história dos africanos, também obriga a trabalhar a temática indígena - tem como finalidade verificar como o discurso literário pode ser inserido e contribuir na formação de uma matriz curricular na educação básica, na medida em que propõe uma educação de combate a discriminações fazendo com que os estudantes sejam capazes de refletir, discutir, conhecer, ler e escrever sobre si e o outro, permitindo-lhes construir uma visão exitosa e realista, em busca da promoção da justiça social, cidadania e igualdade.

Neste contexto, em específico, destacamos a literatura que, dentre as suas formas de se apropriar do mundo e do conhecimento, enquanto arte é também uma forma de compreensão da realidade. Na condição de linguagem, como produção de conhecimento, não cabe pensá-la apenas

como veículo de informação ou de conteúdo. Isso porque a linguagem é a própria materialização da consciência, daquilo que permite a formação do sujeito e que só assume sua essência na coletividade em situações em que sejam possíveis experiências intersubjetivas (Kramer, 1993). No exercício da leitura literária em que se busca preencher os vazios do texto, tende-se a se preencher os vazios da própria subjetividade na medida em que se compreende a si na relação com o outro.

Nestes termos, considerando a relação leitor e texto, instituem-se as condições para o letramento. No processo de leitura literária permite-se preencher os vazios do texto tecendo relações de entendimento de como a literatura se identifica com as nossas vidas. Relação esta que põe em foco as intersecções entre literatura e vida social, compreendendo o objeto artístico em seu caráter estético e imaginativo, carregado de significados próprios, e cujo valor também reside sem sua capacidade possibilitar respostas a questões pontuais do viver humano, refletindo sobre problemas que apontam para uma redescoberta do imaginário no plano da vida social.

Na Educação Básica, fazer com o que o aluno desenvolva a capacidade de utilizar, de maneira proficiente, a leitura e a escrita constitui um dos objetivos do ensino da língua materna, no intuito de tornar o aluno um cidadão socialmente letrado no sentido de ser um leitor crítico e reflexivo. Com relação a esse aspecto, um dos mais importantes desafios que professor enfrenta está relacionado ao letramento literário, pelas próprias características que os gêneros textuais desse domínio discursivo apresentam. Considera-se que

Letrar é desenvolver a capacidade leitora dos alunos para lidar com as demandas da vida moderna. Entretanto para ler diferentes textos, como já se viu, é necessário desenvolver habilidades diferentes. Por isso, o fato de saber ler textos informativos não garante leitura do texto literário. Além do conhecimento do idioma, indispensável para a leitura instrumental, a leitura literária ativa, para dar sentido ao texto, necessita de conhecimentos prévio, de mundo, literários, enfim, dos conhecimentos culturais do leitor, para que se preencham os espaços deixados pelo autor, fazendo do leitor um coautor do texto [...] (THIÉL et. Al. 2012, p. 17-18).

Neste processo, a leitura literária permite preencher os vazios do texto tecendo relações de entendimento de como a literatura se identifica com as nossas vidas. Uma relação que põe em foco as intersecções entre literatura e vida social, compreendendo o objeto artístico em seu caráter estético e imaginativo, carregado de significados próprios, e cujo valor também reside sem sua capacidade possibilitar respostas a questões pontuais do viver humano, refletindo sobre problemas que apontam para uma redescoberta do imaginário no plano da vida social. Por meio da linguagem literária, o artista recria o

mundo, (re) significa valores, costumes e fatos. Com efeito, as condições sociais, os hábitos, as crenças, os estereótipos e os preconceitos compartilhados por um determinado grupo em uma determinada época estarão presentes na criação artística e são elementos formadores da visão de mundo.

Neste caso, chamamos a atenção para textos literários que carregam uma linguagem cujos traços tendem a desconstruir estereótipos negativos, presentes no imaginário, a exemplo da etnia negra. Além de desconstruir conceitos que desvalorizam ou negam o negro, os textos da literatura afro-brasileira destacam elementos que exaltem sua condição e identidade, associando à resistência e à coragem do negro na busca por sua liberdade, sem negar um passado histórico de sofrimento. Uma literatura cujo discurso assume como principal característica a presença de um eu que rejeita a identidade atribuída a ele pelo outro e o desafio em assumir a escrita de sua História põe em foco uma formação antirracista e humanizada.

Antirracista no sentido de que seus atores tenham o direito de dizer a sua palavra e reafirmar seu lugar no contexto social, possibilitando, assim, espaço para o reconhecimento da diversidade cultural com base em uma concepção plural do mundo, deslegitimando as formas de preconceitos e educação antidemocrática. Por sua vez a humanização e a transformação do ser “homem” que se concretiza a partir do momento que este homem é capaz de sentir, relacionar e conceber a realidade do outro eu, do outro ser. A literatura contribui para essa humanização, pois os discursos, as vozes e os sujeitos ali presentes nos mostram semelhanças e diferenças, influências positivas ou não, de uma cultura sobre a outra. Candido aponta para o fato de a literatura ser a arte que transforma/humaniza o homem e a sociedade. Isso porque a literatura como produção humana está intrinsecamente ligada à vida social (1999).

Enquanto discurso cultural, a literatura se constitui um espaço privilegiado para a construção de imagens e sedimentação de conceitos e construção de identidades. Henriques pontua (2005, p.11) que,

[...] o melhor entendimento do racismo no cotidiano da educação também é condição *sine qua non* para se arquitetar um novo projeto de educação que possibilite a inserção social igualitária e destravar o potencial intelectual, embotado pelo racismo, de todos(as) os(as) brasileiros(as), independentemente de cor/raça, gênero, renda, entre outras distinções. Tal fato contribuirá para o desenvolvimento de um pensamento comprometido com o anti-racismo, combatente da idéia de inferioridade/superioridade de indivíduos ou de grupos raciais e étnicos, que caminha para a compreensão integral do sujeito e no qual a diversidade humana seja formal e substantivamente respeitada e valorizada.

No contexto da sala de aula, a partir da Lei nº 10.639/03, criou-se abertura para a efetivação de seu real objetivo, qual seja, a valorização dos negros e o fim do embranquecimento cultural do sistema de ensino brasileiro. Contudo, com mais de uma década já decorrida, é possível verificar que a simples aplicação da legislação não é suficiente, há também a necessidade de outro tipo de produção pedagógica que tenha um compromisso com uma educação antirracista. Isso porque se observa que a mediação pedagógica para aplicação da lei ainda é incipiente, e sua efetivação deve seguir algumas orientações do Parecer do CNE, como:

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (Brasil, 2004, p. 6).

Nesse contexto, o exercício de leitura literária tem muito a contribuir no sentido favorecer o pluralismo racial, social, cultural, bem como a valorização da diversidade racial cujos elementos antes silenciados pelo discurso do senso comum são ressaltados.

Ainda no século XX, diversos são os escritores cuja produção reconfigurou a história e a memória dos afro-brasileiros. Na atualidade, destacamos os textos poéticos de autoria de Jarid Arraes intitulados *Não me chame de Mulata*, *Quem tem crespo é Rainha*, *Filha de Preta*, *Pretinha É*, pondo em foco os estereótipos de cunho pejorativo sob os quais historicamente às mulheres negras estão expostas, problematizando o preconceito enraizado na sociedade através de um sujeito poético insubmisso, de voz firme, contrariando certas leituras.

No poema *Não me chame de Mulata*, o eu-lírico, de forma imperativa, diz que vai recorrer ao dicionário para expor o significado da palavra mulata associado ao termo “mula”/“jumento”. Ao utilizar-se da significação do verbete denota que, a princípio, o racismo está no cotidiano da sociedade de forma não revelada em partes, pois alguns termos considerados inofensivos carregam consigo todo peso da escravidão. A comparação está no caráter de servidão ao trabalho forçado, em que muitas vezes os negros substituíam o animal. Aspecto alimentador do “dilema do racismo” mostrado pela imposição apontada e, ao mesmo tempo, negada no poema:



O problema, realmente
Na mistura não consiste
Mas é na mentalidade
Que o racismo ainda existe
Julgando que é um problema
E fazendo de um dilema
Essa cor que a pele exhibe.

O problema é a tentativa
De impor branqueação
Destruindo a identidade
Para o povo da nação
Impedindo de enxergar
O racismo a clarear
Nessa padronização.

Mas a partir do momento
Que de tudo me toquei
Entendi o meu contexto
E enfim me empoderei
Tenho uma identidade forte
Forte essa integridade
Como negra me enxerguei.

Essa palavra “mulata”
Ela não me representa
Não sou cria de jumento
Nem de burro sou rebenta
Eu sou filha duma gente
Corajosa e imponente
Com história opulenta.

(ARRAES, 2014a, p. 6)

Os elementos marcantes no cordel, a exemplo de “forte”, “empoderei” e “opulenta”, definem a identidade e formas de resistência que o negro sempre adotara. A valorização da identidade negra evidencia a qualidade de um povo no enfrentamento do racismo que tende a negar a beleza da mulher negra. Isto está presente no cordel *Quem tem crespo é rainha* que defende o encanto e enaltece a beleza da mulher negra. O cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade. O cabelo crespo, objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres, é também visto no sentido de uma revalorização que extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence:

Para quem não compreende
Me disponho a explicar
O problema do racismo
Que a tudo quer mudar
O cabelo é o primeiro
E também o derradeiro
Que o racismo que barrar.

Nesse mundo de racismo

Tudo é padronizado
O cabelo é escorrido
Natural ou alisado
E o cabelo cacheado
Que acaba repudiado
Do padrão é rejeitado.

(ARRAES, 2014b, p. 1)

O poema acaba por discutir os padrões impostos à beleza da mulher brasileira através da quebra dos estereótipos que predominam na moda e na mídia. Aqui pousa como um ícone identitário: o cabelo crespo é para rainha. Nesse sentido, o cabelo crespo pode ser considerado um simbólico da identidade negra, possibilitando a construção social e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra.

Bem pequena a menininha
Já aprende a se odiar
Na tristeza, bem novinha
Seu cabelo quer alisar
Pois a vil sociedade
Só repete o disparate
Para o crespo machucar.

Esse tipo de veneno
É um mal muito profundo
Pois mutila a autoestima
Torna o ódio mais fecundo
E a menina a se odiar
Tudo nela quer mudar
Para se encaixar no mundo.

(ARRAES, 2014b, p. 2)

Vale ressaltar, que o cabelo é sua identidade, posto isso, verifica-se que a mudança do crespo para o liso traz mudanças que, a priori, pode apenas ser por vontade da pessoa, porém, no cordel fica exposto que tal decisão está por trás o preconceito enraizado na sociedade que ver o cabelo crespo como feio. E tratando-se disso o “eu-enunciador” expõe a dissolução do considerado belo pela sociedade, evidenciando e dignificando o cabelo como autoafirmação do “eu” presente como ser social.

Coisa linda é o cabelo
Todo livre e natural
Coisa bela a cabeleira
Armada e fenomenal
Chama muita atenção
Pela sua afirmação
Com um profundo ideal.

Olha só, pura beleza
Esse cacho se mexendo

Como pé de fruta fresca
Pelo vento rebulendo
No gingado do balanço
É a música do avanço
A certeza vai crescendo.

(ARRAES, 2014b, p. 4)

O cabelo do negro expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros, o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no pólo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo antes de ser uma questão de vaidade é identitárias:

Não há nada de errado
Em ter o cabelo crespo
Pode ser bem enrolado
Ou um black de respeito
Pois em terra de chapinha
Quem tem crespo é rainha
Com exuberante jeito.

(ARRAES, 2014b, p. 8)

Assim também recorrente em demais expressões poéticas:

Traçar teus cabelos negra, é
Recordar canções
Ardentes dos dias de sol e das frias
Noites dos tempos.
.....
É traçar as linhas
do mapa de uma nação.

(CELINHA apud ALVES e DURHAM, 1995, p. 54)

Como forma de enaltecer a beleza do cabelo, neste cordel, encontra-se presente o valor cultural e identitário dos cabelos crespos como representatividade da mulher negra. Aqui se propõe o aceitar-se como padrão de beleza diferenciando-se do que foi posto socialmente. Os crespos pode sim afirmar-se como belo.

Como já evidenciado, o racismo traz consigo vários problemas que estão presentes na sociedade. A literatura faz sua parte e evidencia as temáticas sociais, problematizando e instigando a discussão sobre os efeitos que, neste contexto, o foco está mediante o preconceito por características físicas: cor, cabelo, modos de vestir-se, ou seja, a discriminação racial vai da cor,

engloba também a ancestralidade cultural do povo negro. Outra temática apontada nos cordéis está à negação da cor por causa do racismo. Além da construção imaginária de que o negro não tem capacidade de raciocínio, há também a ideia de que a cor negra não é bela, e isso faz com que haja outro problema social o de aceitar-se negro. Contudo, a literatura se investe de uma escrita que acrescenta, nega, questiona e incomoda, construindo positivities que desestabilizam os sentidos consagrados, efetuando novas configurações e alterando, assim, a constelação discursiva.

Dessa forma, uma evidência encontrada nos cordéis está no empoderamento através do reconhecimento da cor. Observa-se essa condição no poema *Filha de preta, pretinha é*. Sob um tom afirmativo de autoconhecimento, o poema traz a história de Carla, menina que sofria com o preconceito na escola em que estudava por ser a única negra. No enredo, destaca-se o sofrimento de Carla por ser de negra. Dona Cilene, sua mãe, ao notar a tristeza decide então ajudá-la a passar por este momento difícil, contando sua história de sofrimento por causa do racismo, e, após estudando sobre a identidade negra, possibilitou a construção de uma autoafirmação:

No final ela propôs
Um arranjo poderoso
Sugeri para sua filha
Um acordo respeitoso
Cada uma assumiria
O seu crespo orgulhoso.

Ambas iam dar um fim
Nesse tal de alisamento
Deixariam crescer livre
Sem qualquer impedimento
Os cabelos naturais
Como lindo experimento.

[...]

Foram juntas dia a dia
Muita coisa descobrindo
Sobre identidade negra
Tudo novo ia surgindo
Desde a África antiga
Ao moderno convergindo.

(ARRAES, 2014c, p., 5-6)

Nestes versos, coabitam camadas de protesto e negociação, adaptação e resistência, silêncio e voz, na problematização de questões de identidade, exclusão e alteridade, e na reivindicação da autoria de um discurso próprio que recusa estereótipos redutores.

No exercício de leitura, com efeito, constrói-se o espaço para o entrecruzar de opiniões e ideias de um sujeito com o seu outro, o ser humano aprende. Assim, o ser humano frente ao novo faz novas leituras se transforma, se humaniza e os educa através das trocas, das interações e da literatura.

Considerações finais

A escola, cujo objetivo primordial está em proporcionar ao aluno modos de interação com a leitura e escrita a fim de contribuir para sua formação e desenvolvimento, tendo em conta a heterogeneidade do ambiente escolar, deve educar para as relações étnico-raciais. Assim, criar meios para possibilitar que as pessoas envolvidas no processo educativo reflitam como cidadãos provenientes de diferentes grupos étnicos que se relacionam cotidianamente, respeitando as diferenças no exercício alteridade.

A vivência poética em sala de aula, bem como fora dela propicia, além do alargamento intelectual, a elevação da imaginação, bem como o desenvolvimento de princípios e características individuais capazes de medir e reafirmar os próprios sentimentos e ações do leitor. Ao aproximar os alunos de textos literários voltados para a formação, resistência e luta da população negra, a exemplo da poesia com temática sobre o negro, além de despertar o interesse pela leitura, poderá – a partir de atividades que não se referem a um conteúdo específico, mas a procedimentos de leitura e audição – promover o desenvolvimento de valores e atitudes nos alunos. Auxiliando-os, assim, a superar conflitos e a exercer de fato a cidadania, à medida que questionam e transformam sua realidade.

Na literatura tem-se a representação de críticas à sociedade, de forma que instiga o leitor a repensar casos ou conceitos dispostos socialmente. Com isso, eleva-se o questionamento sobre a temática aqui levantada através das produções da cordelista Jarid Arraes que, dentre muitas problemáticas encontradas na composição do cordel, dispõe majoritariamente a luta contra o preconceito e o racismo. A discriminação racial é uma forma que ainda persiste no cotidiano brasileiro e, por ser uma temática social recorrente, a literatura com seu viés social problematiza elencando questões a serem debatidas por todos.

Por ser um instrumento facilitador e que agrega por uma linguagem simples, sem maiores rebuscamentos, a literatura cordel pode ser facilmente acessada a todas as camadas sociais, e com isto atingir o propósito de fomentar novas visões. As práticas mediadoras de leitura que conectem a cultura, a história e a literatura

africana ao ensino brasileiro a partir de um viés sem preconceitos e marcado por expectativas de uma leitura que certamente poderá desestabilizar muitos conceitos e trará novas perspectivas de leitura literária.

Através do contraponto entre as leituras dos textos literários e a experiência cotidiana, é possível desconstruir estereótipos e pré-conceitos estabelecidos a respeito da etnia negra na sociedade brasileira, predominantemente marginalizada. E, assim, a partir da leitura e da discussão desses textos literários, possibilitar a reflexão acerca de que somos diferentes, porém isso não nos impede de convivermos juntos e partilharmos da diversidade de valores, crenças, manifestações culturais.

Nesse sentido, o letramento se efetivaria pelo entendimento do texto literário como objeto de significação que conjugam “maestria técnica; concisão; exatidão; visualidade e sonoridade; intensidade; completude e fragmentação; intransitividade; utilidade; impessoalidade; universalidade; e, por fim, novidade” (PERRONE-MOYSÉS, 1998, p. 154-173), dentro de uma perspectiva histórico-crítica de negação de racismos e valorização da diversidade.

Referências

ARRAES, Jarid. *Não me chame de mulata*. 2014a.

_____. *Quem tem crespo é rainha*. 2014b.

_____. *Filha de preta, pretinha é*. 2014c.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

CELINHA [Célia Aparecida Pereira]. “Cantiga”. In: ALVES, Miriam Aparecida; DURHAM, Carolyn Richardson (Orgs.). *Enfim... Nós / Finally... Us: Escritoras negras brasileiras contemporâneas / Contemporary black Brazilian women writers*. Colorado Springs: Three Continents Press, 1995.

HENRIQUES, Ricardo. “Apresentação”. In: *Educação Anti-Racista: Caminhos Abertos Pela Lei Federal Nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CANDIDO. Antonio. “A literatura e a formação do homem”. *Remate de Males* – Antonio Candido. IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, p. 81- 89, 1999.

KRAMER, Sonia. *Por entre as Pedras: Arma e Sonho na Escola*. São Paulo, Ática, 1993.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

THIÉL, J. C; et al. (Org.). *Prismas: visões da literatura na contemporaneidade* – estudos literários e da linguagem. Curitiba: Champagnat, 2012.